

Ruy Guerra e Aritana
As outras tribos não gostaram do filme

Roberto Fonseca
"Despesas inesperadas" para a produção

"Quarup" termina em guerra

Os índios do Xingu querem receber o cachê

RENAN ANTUNES

A última grande façanha dos caciques Aritana, Paru, Kotó, Tabata e Megaron está sendo contada de oca em oca entre as tribos do Alto Xingu. Aconteceu nas últimas luas de setembro e foi uma dura batalha, travada na selva de pedra de Brasília, contra os empresários que produziram o filme *Quarup* no Parque Nacional do Xingu. Foi numa reunião na sede da Funai. Os bravos caciques conseguiram arrancar do inimigo valiosos troféus: uma mesa de sinuca, três máquinas de lavar roupa, dois geradores, quatro barcos, 60 barracas de tergal, dois jipes Toyota, dois freezers, 20 garrafas térmicas, duas tevês e uma antena parabólica, usadas no acampamento dos técnicos e artistas.

Este botim é apenas uma pequena parte do que foi possível arrancar dos brancos, desde que, em maio, 150 deles penetraram na reserva, autoriza-

dos pela Funai, para produzir *Quarup*, uma história dirigida por Ruy Guerra, na qual os índios Iualapitis, Camaiurás, Cuicuros, e Uaurás são mocinhos. Mas a guerra ainda não terminou e uma batalha decisiva está prevista para as próximas semanas. No início de outubro os índios se rebelaram e romperam o contrato original com os produtores. Agora, orientados pela fotógrafa inglesa, Sandra Wellington, uma das mulheres de Aritana, o chefe iualapiti, eles não querem mais bugigangas — exigem dinheiro vivo. Querem um percentual da bilheteria do filme.

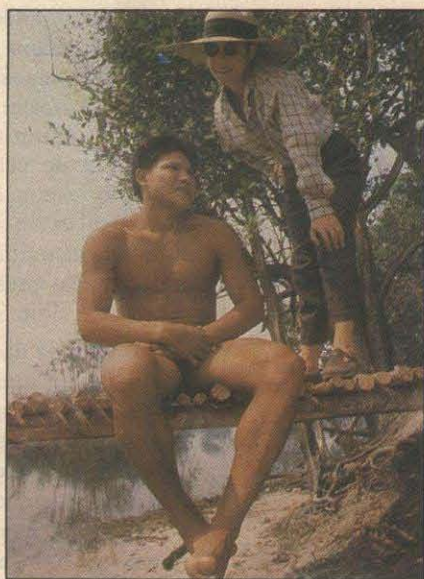
A parada vai ser dura. Na quarta-feira, 12, o produtor Roberto Fonseca, presidente da Cotia Trading — uma empresa que tem fazendas de gado e soja no Mato Grosso, onde fica o Parque do Xingu, exporta US\$ 300 milhões anuais e investiu 5 milhões no filme — anunciou que

não pretende pagar percentagem, alegando que, se o filme der prejuízo, "os índios não vão entender e vão querer me cobrar".

Parece que por esse golpe os caciques já esperavam. Orientados por seus advogados, vão aguardar pacientemente, caçando e pescando nos igarapés enquanto os brancos decidem. O filme deve ficar pronto no final do ano, mas sem licença dos índios não poderá estrear no Festival de Cannes — a menos que seja terrivelmente mutilado, com o corte das cenas em que eles aparecem. Isto é impensável porque teria de trocar até o título: *Quarup* é a tradicional cerimônia em que os índios choram seus mortos.

Q*uarup*, o filme, é baseado no romance de Antonio Callado, por sua vez inspirado na figura do sertanista Orlando Villas-Boas e na expedição que em 1958 percorreu o Xingu em busca do centro geográfico brasileiro. É um painel que mistura ficção e realidade, desde o suicídio de Getúlio até o golpe de 64, vivido pelos personagens Nando (Taumaturgo Ferreira), um padre atormentado pelo sexo, e Francisca (Fernanda Torres), filha de pai, comunista, paixon de Nando. Tem ainda Sônia (Cláudia Raia), a ex-bailarina que foge com o índio Anta, Olavo (Roberto Bonfim), marido de Lídia (Lucélia Santos), uma psicanalista.

O coreógrafo Fernando Bicudo, ex-diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um dos produtores do filme através da Grapho, subsidiária da Cotia, ficou "apaixonado pela causa indígena", em apenas uma visita ao set de filmagens, no posto Leô-



Lucélia Santos
Ela não gostou da comida

nardo, na aldeia Iualapiti. Mal desceu do avião, ficou nu. Em seguida teve o corpo pintado pelo cacique Aritana.

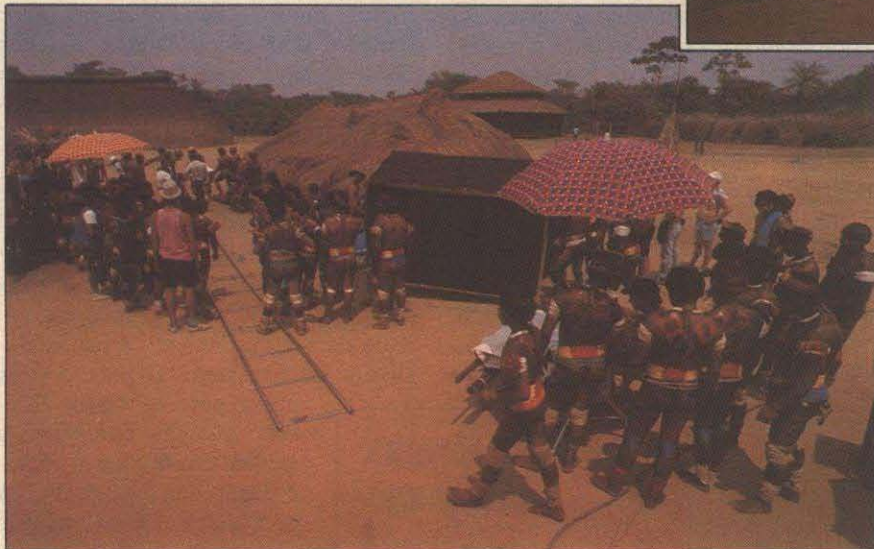
Os índios do Xingu, mesmo aculturados, nunca tinham recebido tanta gente de uma só vez como durante o filme. Conviveram quase seis meses com um acampamento de cerca de 150 brancos, onde havia de tudo da moderna civilização, até mesmo uma antena parabólica de tevê, que levou as imagens das Olimpíadas de Seul às ocas. Nos papos de pai para filho, nasceram alguns dos novos mitos do

A descoberta

A sinuca foi uma entre as muitas novidades apresentadas pelos brancos

De igual para igual

Seis meses de filmagens despertaram nos índios o gosto pelo dinheiro



Xingu: Lucélia Santos mandou trocar 11 vezes o prato de comida, insatisfeita com o cozinheiro. Fernanda Torres não sai da barraca porque tem medo dos mosquitos.

O fascínio dos índios pelas novidades foi inevitável. Tímidos a princípio, eles foram chegando perto do acampamento até "tomarem conta da boca", como se diz por lá. Os meninos foram iniciados nos segredos dos jogos de sinuca e pingue-pongue. Os mais fortes, usados para carregar as mercadorias do trapiche até os depósitos, em troca de generosos copos de Tang de pêssego e bolachas recheadas de chocolate.

Tudo ia bem para os brancos no Alto Xingu, quase como no tempo em que Pedro Álvares Cabral chegou, ou como quando os irmãos Villas-Boas criaram o parque em 61, com os índios bem mansos e felizes – até que uma mulher entrou na história. Foi Sandra Wellington, a inglesa que é uma das esposas de Aritana, cacique iualapiti. Ela exigiu que os índios recebessem a vista o dinheiro pelos pequenos serviços e nas participações

como figurantes. Até então eles vinham sendo pagos com sanduíches de mortadela, refrigerantes, balas e latas de conservas, cachê fixado em Cz\$ 4 mil por dia.

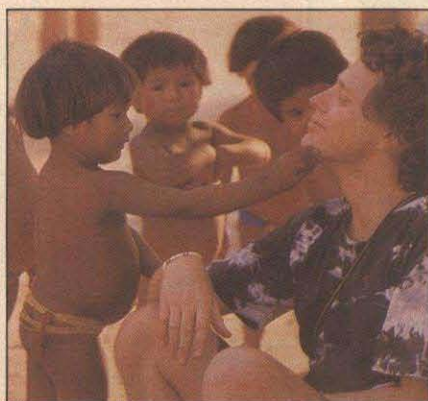
O gosto pelo dinheiro influiu até na cambira, a tradicional troca de objetos e comida que eles faziam entre si e com os brancos. Agora gostam de cambiar artesanato ou peixes por notas de papel-moeda, com o que podem comprar o que quiserem, sem ter de dar satisfação nas ocas.

As índias donas-de-ocas ficaram deslumbradas com as máquinas de lavar. Acostumadas a andar nuas ou em trapos, assistiam às operações automáticas das Lavínias sem entender, mas na certa foram elas que pediram aos caciques que incluíssem as má-



quinas no negócio. Não se sabe como elas farão caso os revendedores autorizados não cheguem às aldeias do Xingu. A mesma coisa vale para os geradores diesel, barcos e para as televisões. Agora, estarão dependentes da importação de combustível, mas isto parece não preocupar os caciques.

Os caciques, até então, vencedores no front externo, enfrentaram também o inimigo interno. Os índios das demais tribos do parque ficaram revoltados. Porque não participaram das filmagens de *Quarup*, bateram na porta da oca de Aritana pedindo explicações, e acabaram levando alguns presentes para ficarem quietos. Os Calapalos foram mais longe e acusaram os Iualapitis, Camaiurás, Cui-curos e Uarás de ofensa às tradições ao encenarem um *Quarup* de mentirinha – como não havia mortos para chorar, Aritana ofereceu a Ruy Guerra um repeteco do enterro de seu avô, morto há dois anos. As índias não gostaram de ver "mulher branca em rede de índio", como já ensinava Callado no romance original, e Aritana foi obrigado a mandar Sandra, a inglesa agitadora, dormir na oca das outras esposas – pelo menos enquanto havia jornalistas na área. E Raoni, o último chefe guerreiro do Baixo Xingu, não gostou e mandou um aviso aos índios do Alto: não quer mais que naveguem com suas canoas no sentido da foz do rio.



Fernando Bicudo
Paixão à primeira vista